



Shoah: o indizível que força um dizer

Silvia Grebler Myssior*

Aleph: Escola de Psicanálise | Belo Horizonte, Brasil

silvia@myssior.com.br

A sobrevivência não é problema pessoal dos que ficaram, a sombra escura projeta-se sobre toda a civilização em que somos obrigados a viver com o peso dos acontecimentos e suas consequências.

(Imre Kértez)

Em abril de 2013, a Aleph: Escola de Psicanálise, por intermédio de sua biblioteca, Sigmund Freud, se articulou com o Instituto Moreira Sales, com a Fundação Clóvis Salgado e com o Consul Honorário de Israel em Minas Gerais, Silvio Musmann, para promover a projeção do filme de Claude Lanzmann: *Shoah* (1985). O evento, aberto ao público, foi seguido de debate na sala Humberto Mauro, no Palácio das Artes, e contou com a participação dos professores Luiz Nazario (UFMG) e Renato Lessa (PUC-Rio) e da cineasta Ilana Felman (São Paulo), com a mediação da professora Lyslei Nascimento (UFMG).

Dando prosseguimento ao tema, tantas vezes pensado erroneamente como uma questão judaica, Auschwitz se afirma como um acontecimento traumático da civilização ocidental e representa um ponto de derrocada da história. Uma experiência devastadora, na qual o que parecia impossível foi introduzido à força no real. Auschwitz aconteceu e isso não pode ser negado.

Nesse mundo de globalização e de tecnologia midiática, não estamos isentos de um suposto ideal universal que convoca uma narrativa do coletivo. Repetem-se, em nosso tempo, discursos de ódio e de preconceito que se expressam de forma cada vez mais virulentas. Tanto pior quando essa narrativa vira-se contra um povo e um Estado, por intermédio de vozes de intolerância que se ouvem mundo afora. No caso aqui, ao povo judeu.

Como qualquer outro país, Israel não está imune aos que discordam de sua política. O problema é quando se articulam juntos num discurso de ódio, o Estado

* Mestre em Ciências da Saúde da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.



e a fé que um povo professa. Na Europa, retorna com força o antissemitismo. No Brasil, pelas mídias e por outras manifestações de ódio já se pode ler os sinais... Olhos e ouvidos provocam efeitos subjetivos de identificação com as massas, constituindo um ideal falseado de uma pretensa pureza em que se bane o estranho, tomando, de forma perigosa, o lugar que Sigmund Freud chamou de “ideal do eu”.

Na radicalidade de um discurso “universalisante” temos em Victor Klemperer, professor de literatura e estudioso da língua totalitária do III Reich, um modo importante de abordar a Shoah. Ele nos faz observar a incidência do nazismo na língua alemã, em que simples frases frequentemente proferidas numa certa direção produziram a prevalência do imaginário na encenação do discurso nazista.

A ameaça pela linguagem é duradoura e incisiva. A multidão, nos diz Freud, comporta-se como o neurótico individual. A ideologia totalitária supera o âmbito do sujeito e entra na esfera dos ideais grandiosos. Os pensamentos de cada um perdem o valor em favor da engrenagem, na qual o uso reiterado de palavras de ordem retornam ao sujeito como exaltação e conquista. A língua se flexiona de acordo com quem a utiliza e as palavras podem reivindicar o estatuto de verdade. A multiplicidade e a polifonia das palavras ficam fora dos discursos totalitários.

Implícito nos testemunhos do filme *Shoah*, de Lanzman, que sustenta sua escrita baseada nos relatos daqueles que viveram de algum modo essa experiência do Holocausto e de seu tempo, pensamos sobre a importância de preservar a memória do acontecido no intuito de que isso não se repita. Recorrer a essa memória na atualidade mostra-se importante e necessário diante desses brotos de antissemitismo. “Sem nenhum antecedente semelhante, não havia experiência anterior que pudesse servir de base para comparações”, nos diz Lessa. Advertimos, assim, o pesquisador, que estamos diante de um aniquilamento completo de suas vítimas, acompanhado de um operador do silêncio, a morte, como supressão definitiva das vozes humanas, de uma dor sem nome, nada que a signifique na linguagem. Sem que o sujeito se reconheça como tal, o real da angústia não encontra o campo da representação. Fora da cadeia simbólica, o horror.

Como algumas questões em torno da memória, do testemunho da memória, Freud lembra que o passado só se reconhece no presente que o rememora. Já o silêncio e a recusa são traumáticos e se estendem, com frequência, para além da geração dos sobreviventes. Um posicionamento sobre a dimensão ética da memória se faz aqui presente, na medida em que fazer passar à lembrança o que foi perdido comporta um trabalho de luto.



Segundo Edelyn Schweidson, no vazio da memória e da palavra, a experiência traumática ameaça se renovar se o passado não for confrontado ou trabalhado. A memória é, assim, nossa condição de humanidade, nós somos nossas lembranças: memorizar é recortar no presente o passado e dar uma significação à lembrança é colocar em perspectiva a continuidade à vida.

Entre o acontecimento e a escrita há um tempo que é sempre depois. Um real a ser extraído do trauma. Desse modo, a preservação da memória inclui o acontecido, mas requer algo da ficção para ser colocada em pauta. Na literatura, a poesia de Paul Celan, os escritos de Imre Kertész, de Primo Levi, de Elie Wisel e de outros tantos sobreviventes revelam que a consciência humana tem que manter sua vigília de transmitir, nos rastros da perda, uma insistência de escrevê-la, a memória.

No discurso totalitário, afiança Jacques Lacan, há manipulação da palavra para exercer poder sobre alguém, sobre um grupo ou sobre um povo para conservar esse poder, servindo-se da repressão e do terror. Segue-se um desencadeamento pulsional sem freio que pode ser de uma extrema violência, o transbordamento de um terrível gozo. A civilização exige uma renúncia desse gozo obscuro.

Lemos aí o valor da dimensão ética da memória que assim como a verdade, não pode ser toda dita, implicando fato e artifício. E, justamente porque o real não se iguala ao fato, é que nas entrelinhas: “do que se diz, se escreve algo de um dizer. O núcleo da lembrança é o que ela tem de traumático; é o que tende a se repetir. Seu tratamento exige a invenção do saber que a escrita do inconsciente contorna. Esse saber do inconsciente trabalha o indizível, inscrevendo algo dessa perda [...], pescando nas entrelinhas o impossível de se dizer”, conforme argumenta Eduardo Vidal.

Freud já havia alertado os analistas a respeito da *Weltanschauung*, que diz da forma de ver o mundo e se fazer ver por ele, pode-se dizer, como através do marco de uma janela fantasmática.

O filme de Lanzmann é tanto mais efetivo, na medida em que a Shoah apresenta-se com uma dimensão testemunhal da memória sem, contudo, expor o espectador às cenas perversas do ocorrido, tangenciando o real pela via da arte. Trata-se de extrair do que se diz, do que se ouve, uma escrita. E isso interessa à Psicanálise.

Recebido em: 30/03/2019.

Aprovado em: 10/04/2019.